

IDENTIDADE, HISTÓRIA E MEMÓRIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE “RESPEITEM MEUS CABELOS, BRANCOS,” DE CHICO CÉSAR E “IDENTIDADE”, DE MIA COUTO

Data de aceite: 03/04/2023

Fernanda Diniz Ferreira

Mestranda em Literatura, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba. É especialista em Literatura & Ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN – Campus Avançado – Zona Leste. Ainda detém Curso de Aperfeiçoamento em EJA: diversidade e inclusão pela Universidade Federal da Paraíba. Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa pela mesma instituição

Jailton dos Santos Silva

Especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN. Especialista em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professor da Rede Pública de Ensino das Prefeituras de Conde e Marcação – PB

categoria analítica a identidade, e a partir desta analisar o significado que é dado tanto à identidade nacional moçambicana quanto à brasileira, através da poesia e da música. A produção deste trabalho se justifica por dois motivos: o primeiro por não existir, até o presente momento, um trabalho comparativo como propomos aqui. Já o segundo motivo está relacionado às questões identitárias e a relação que isso tem como instrumento de reflexão acerca da estruturação estético-ideológica sobre a identidade negra, ponto este fulcral para nossos estudos. Para melhor explanação do trabalho, aqui proposto, apoiamos-nos nos estudos de Barros (2009), Fernandes; Alves Junior (2009), Stuart Hall (2006), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Poesia. Mia Couto. Música Popular Brasileira. Chico César.

IDENTITY, HISTORY AND MEMORY:
A COMPARATIVE ANALYSIS OF
“HAVE SOME RESPECT MY HAIR,
WHITES,” BY CHICO CÉSAR AND
“IDENTITY”, BY MIA COUTO

ABSTRACT: The aim of this study is to make a comparative analysis between the

RESUMO: O objetivo deste estudo consiste numa análise comparativa entre a canção “Respeitem meus cabelos, brancos,” de Chico César, e o poema “Identidade”, que compõem a coletânea *Raiz de Orvalho e Outros Poemas*, de Mia Couto, tendo como

song “Respeitem meus cabelos, brancos,” (Have some respect my hair, whites), by Chico César, and the poem “Identidade” (Identity), which make up the collection Dew Root and Other Poems, by Mia Couto, having as an analytical category the identity, and from this to analyze the meaning that is given to both Mozambican and Brazilian national identity, through poetry and music. The production of this work is justified for two reasons: the first one because, until now, there is no comparative work as we propose here. The second reason is related to identity issues and the relationship that this has as an instrument for reflection on the aesthetic-ideological structuring of black identity, a key point for our studies. For a better explanation of the work proposed here, we rely on studies by Barros (2009), Fernandes; Alves Junior (2009), Stuart Hall (2006), among others.

KEYWORDS: Identity. Poetry. Mia Couto. Popular Brazilian Music. Chico.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa tecer um trabalho comparativo entre a canção “Respeitem meus cabelos, brancos”, de Chico César e o poema “Identidade”, de Mia Couto. Consideramos que, antes de mais nada, fazer uma comparação entre gêneros diferentes não é uma tarefa fácil, no entanto, é, ao mesmo tempo, instigante e desafiador, uma vez que, as *corpora* são de épocas e nacionalidades diferentes, e mesmo assim, existe um ponto comum: a identidade negra, que é o ponto fulcral no estudo que pretendemos desenvolver em ambos os textos, tendo como base de categoria analítica a identidade.

Diante da ausência de trabalhos comparativos sobre os textos escolhidos é que propomos nos debruçar acerca de aspectos que os destoam e os aproximam. Nesse sentido, a produção deste trabalho se justifica por dois motivos: o primeiro corresponde ao fato de ainda não existir, até o presente momento, um trabalho comparativo como propomos aqui analisar tomando uma obra do escritor moçambicano, Mia Couto, e do compositor brasileiro Chico César. O segundo motivo, por sua vez, está relacionado às questões identitárias e a relação que isso tem como instrumento de reflexão acerca da estruturação estético-ideológica sobre a identidade negra nas referidas obras.

CONCEITO DE IDENTIDADE

O choque cultural provocado pelo processo de colonização nas colônias brasileiras e africanas fez com que surgisse uma nova cultura, e com ela, uma maneira de reconhecer esses povos, a partir da construção da identidade de cada um. Em seu livro, *A Identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2006, p. 24) afirma que para o sujeito pós-moderno “a identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”, mas, sim, construído socialmente.

Ainda de acordo com Hall (2006) existem três concepções de identidade, a saber: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo

é caracterizado pela centralidade; defende o indivíduo como um ser individual e masculino, concepção esta que não se sustenta à medida que a sociedade moderna vai evoluindo, o sujeito individual não dá mais conta desta evolução. Já na concepção de sujeito sociológico, a identidade é construída “na interação entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p. 11), levando em consideração que a identidade se modifica constantemente de forma social, política e cultural.

E, por fim, o sujeito pós-moderno que, segundo Hall, a identidade

torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...] O sujeito assume identidades em diferentes momentos [...] (HALL, 2006, p. 13).

É nesse momento em que se encaixa a canção de Chico César e a poesia de Mia Couto, pois elas trazem a historicidade dos sujeitos e suas identidades. O canto e a poesia se encontram a partir do momento em que ambas ecoam a amargura vivenciada ao longo dos anos pelos povos negros, mas também, a história de resistência e de construção de identidade as quais os representam na sociedade. Tais características estão bem presentes na produção poética de Chico César e Mia Couto, principalmente no que se refere à busca e à afirmação da identidade negra em uma sociedade de brancos. Isto se trata de entender que as múltiplas identidades é o que constituem os sujeitos.

Nesse sentido, corroboramos com Fernandes e Alves Junior (2009), ao dizer que:

As múltiplas identidades que passaram a constituir o sujeito fizeram com que, em diferentes momentos, esse sujeito assumisse diferentes identidades. No interior dos discursos, **o sujeito assume diferentes posições**, portanto, **a identidade do sujeito nunca será a mesma em diferentes momentos e lugares por onde se encontre**. (FERNANDES; ALVES JUNIOR, 2009, p. 113). (Grifos nosso)

Nesse trecho, percebemos que as reflexões sobre as identidades são construídas por meio de diferentes momentos e lugares, isso faz com que a identidade seja estabelecida, demonstrando, assim, uma forma de pertencimento construída por meio de referenciais sobre o passado que ecoa no presente resgatados pela história e memória de um povo.

HISTÓRIA E MEMÓRIA: BREVES CONSIDERAÇÕES

O processo de escravização ocorrido no Brasil, iniciado por volta de 1550 e estendeu-se até 1888, foi o mais nefasto acontecimento humanitário registrado pela história brasileira, conhecidos pela historiografia como período colonial e período imperial. Essas duas épocas deixaram marcas profundas de atraso econômico no país, uma vez que o comércio de escravos era uma prática bastante lucrativa para os donos de terras e senhores de engenho. Era um fato ‘impolítico e abominável’ (SCHWARZ, 2000, p. 11), visto que o racismo era uma prática cultural aceita pela maioria dos cidadãos, pois a classe dominante concebia os negros africanos como raça inferior, o que permaneceu como

estigma mesmo após a abolição da escravidão.

Não há como negar que parte das nossas origens é africana. Porém, ainda hoje, mais de um século após o encerramento do sistema de escravidão, os descendentes afro-brasileiros sofrem bastante com a disseminação do ódio, do racismo e do preconceito contra o povo negro e a herança cultural herdada dos antepassados. Nas palavras de Schwarz (2000, p. 11) era “[...] grande degradação, considerando-se que as ciências eram as Luzes, o progresso, a humanidade.” Com efeito, as artes sempre encontram um meio de trazer à tona (até mesmo como forma de resistência) o legado deixado por essa cultura através da memória histórica. Desse modo, a subjetividade presente nos discursos dos sujeitos sempre encontra, no tempo e no espaço, formas de aparecimento para que essa memória se mantenha sempre viva.

Em seu artigo, José D’Assunção Barros, refletindo sobre as relações entre memória e história, faz algumas considerações acerca da memória individual, no entanto, ele pontua que a memória coletiva é o que mais vem sendo estudado nas últimas décadas, e para ele a memória coletiva

se refere não apenas a esse processo de registro de acontecimentos pela experiência humana, como também à construção de referenciais sobre o passado e sobre o presente de diferentes grupos sociais e sob a perspectiva de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente associados a mudanças culturais (BARROS, 2009, p. 41).

José Barros ainda acrescenta que “[...] devemos pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos” (BARROS, 2009, p. 37), o que se inscreveria na história como perspectivas identitárias aos mais diversos grupos sociais, e para isso “seria imprescindível para que a Memória Coletiva pudesse ser captada não mais apenas na palavra escrita, mas no gesto, na imagem, nas festas, ritos, comemorações.” (BARROS, 2009, p. 43).

Na concepção de Navarro-Barbosa (2004, p. 120), “a emergência de novas representações para o conceito de brasilidade nutre-se, então, do passado, ao retomar figuras e acontecimentos que marcaram a história do Brasil.” Desse modo, é nessa relação entre o passado e presente que se forma esse espírito de pertencimento, de territorialidade - um cidadão do mundo.

ANÁLISE TEXTUAL

Antes de adentrarmos na análise propriamente dita, faz-se necessário, dizer que guardadas as devidas diferenças entre ambas as obras, devemos levar em consideração que, mesmo havendo pontos em que elas possam se cruzar, foram produzidas em contextos e condições de produção diferentes.

Para uma melhor análise tanto da música quanto do poema, devemos considerar algumas particularidades estruturais de ambas. Começemos por estabelecer uma macro divisão: a canção “Respeitem meus cabelos, brancos”, autoria de Chico César, foi produzida em 2002, e compõe o álbum que tem o mesmo título da canção. A música é composta por 17 versos, dividida em 4 estrofes. Já o poema “Identidade” foi escrito em verso livre, composto por 14 versos e distribuídos em 6 estrofes. Segue, portanto, letra da canção, para posterior análise:

Respeitem meus cabelos, brancos

“Respeitem meus cabelos, brancos
Chegou a hora de falar
Vamos ser francos
Pois quando um preto fala
O branco cala ou deixa a sala
Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da África
Junto com meus santos

Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos
Respeitem meus cabelos, brancos

Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa
Deixa, deixa a madeixa balançar.”

De acordo com Fernandes e Alves Junior (2009, p. 113) “a existência do eu se dá pela constituição de múltiplos fragmentos do outro.” Nesse sentido, é interessante notar que, na canção de Chico César a questão da marca de identidade já se encontra presente logo no primeiro verso: “Respeitem meus cabelos, brancos”. (CÉSAR, 2002). Notemos que, na semântica do verso, o substantivo masculino plural “brancos” não está se referindo à coloração dos cabelos. Esse substantivo, é, na verdade, de acordo com a sintaxe da língua portuguesa um vocativo, ou seja, um chamamento à atenção de alguém, evocado pela

identificação do cabelo como herança cultural afro-brasileira. Com efeito, cabe também dizer que esse vocativo se faz presente na música porque os indivíduos afrodescendentes brasileiros são, corriqueiramente, alvo de violência verbal, fruto do racismo e do preconceito, advindos dos períodos da colonização e dos períodos em que vigorou o I reinado e o II reinado, no Brasil.

Vale afirmar, ainda, que ao analisar a frase que abre a canção percebemos uma acidez acentuada na crítica com relação às questões de racismo direcionando o seu discurso para uma classe de brancos em cor e pensamentos, os quais não toleram a presença de negros na sociedade. Logo, ao dizer “respeitem meus cabelos, brancos”, reforça a ideia de uma identidade de afirmação, aceitação e respeito às diversidades, isso reverbera em vários âmbitos, tanto na simbologia de luta, representação e valorização da cultura negra quanto na política construída através do movimento *Black Power*¹.

Para Navarro-Barbosa (2004, p. 127):

A identidade nacional constrói-se a partir dessa dispersão de enunciados imagéticos e verbais que (re)atualizam temas, tais como: movimentos culturais, manifestações populares, diversidade racial e cultural (a influência africana e indígena), escravidão, trabalho infantil, luta pela terra.

Nos versos seguintes, há a presença de uma indignação ante à situação de preconceito racial, como podemos perceber nos versos 2-5:

Chegou a hora de falar
Vamos ser francos
Pois quando um preto fala
O branco cala ou deixa a sala
Com veludo nos tamancos. (CÉSAR, 2002).

Essa imagem de indignação é bastante representativa no que tange à questão da resistência, das lutas contra o racismo e o preconceito, e da afirmação de pertencimento de raça. Dessa forma, “a identidade produzida pelas práticas discursivas nas diferentes posições-sujeito, conforme a seguramos, é tomada como um elemento que corrobora a produção de diferentes lugares de existência para o sujeito.” (FERNANDES; ALVES JUNIOR, 2009, p. 113).

Para Navarro-Barbosa (2004, p. 121),

Como não existe enunciado que apareça pela primeira vez, o processo de produção de identidade decorre do fato de cada enunciado colocar em cena o sujeito, por ele significado, e o interdiscurso, isto é, a memória do dizer.

Assim como na canção “Respeitem meus cabelos, brancos”, a questão identitária também se faz presente no poema de Mia Couto (1999), e é sugestiva desde o título do poema, o qual segue na íntegra para análise:

¹ Conhecido por ser um símbolo de forte representação e também ícone de movimentos de luta e resistência com repercussões por todo o mundo. O movimento Black Power (Poder Negro), tem sua origem desde os anos de 1920, mais proeminente no ocidente ao final dos anos 1960.

Identidade

“Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem inseto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato
morro
no mundo por que luto
nasço.”

Estamos falando sobre o primeiro poema da coletânea **Raiz de orvalho e Outros Poemas**, intitulado de “Identidade”. Este é fortemente marcado pelo o eu lírico, que a todo momento nos apresenta um sujeito que se preocupa em auto definir-se. Podemos notar isso logo nos dois versos iniciais:

**“Preciso ser um outro
para ser eu mesmo”**. (COUTO, 1999, p. 13). (grifos nosso).

Nos versos em destaque, é possível perceber aqui um contraponto entre as ideias de identidade e alteridade, as quais não são excludentes, mas que a alteridade é vista como experiência fundamental para instituir a identidade. O eu lírico nos apresenta vocábulos que contrastam, e isso não é à toa, uma vez que, a identidade surge a partir das dualidades confrontadas entre a tradição e a modernidade, isso faz com que não haja um apagamento da identidade negra, nem uma individualidade, mas sim, a união de diversas identidades construídas ao longo do tempo.

Em seu ensaio, intitulado “Quem precisa da identidade?”, Hall afirma que,

[...], as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com

precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu **exterior constitutivo**, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído. (HALL, 2014, p.110). (Grifos do autor).

Detendo-se à afirmação do autor, percebemos que a questão da relação de alteridade e identidade são construídas por meio da diferença, isso é perceptível no poema, assim como a falta de pertencimento e instabilidade do povo moçambicano, como podemos perceber nos versos 3-4:

“Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta.” (COUTO, 1999, p. 13).

Em seguida, o eu lírico ainda pontua a incerteza da perpetuação do povo africano que guardam as identidades de seu povo. A representação do pólen sem inseto, de forma comparativa, nos mostra a incerteza da existência tanto do povo africano quanto da sua cultura, do seu chão. Como podemos observar nos trechos a seguir:

“Sou pólen sem inseto,
Sou areia sustentando
o sexo das árvores.” (COUTO, 1999, p. 13).

No decorrer do poema há uma forte presença de versos que representam a alternância de estranhamento àquilo que é novo e foi imposto pelos colonizadores ao povo moçambicano, mas também a consolidação da identidade nacional.

A nosso ver, tal transição de período cultural causa um conflito e também um rompimento com o passado, abrindo espaço para a construção de uma identidade futura, que, como bem pontua Stuart Hall,

[...] não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiraram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (2014, p.52).

Hall observa que, quando se trata de cruzamentos e misturas culturais, isso é cada vez mais comum, visto que estamos mergulhados em um multiculturalismo, e que por isso, os traços culturais permitem nos enxergarmos no outro.

No caso da canção de Chico César, é possível percebermos uma clara referência às origens africanas nos versos de 7 a 13:

“Cabelo veio da África
Junto com meus santos
Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos
Respeitem meus cabelos, brancos.” (CÉSAR, 2002).

A construção dessa memória remonta ao passado colonial, quando centenas de

negros foram trazidos cativos do continente africano para o Brasil, forçados ao trabalho escravo, principalmente nas lavouras de cana-de-açúcar e café. Tal memória aponta ao mesmo tempo para o processo de miscigenação, ocorrido durante o período citado. Fica nítido, então, o quanto temos de identidade africana na nossa vida, quer seja pela música, pelos traços físicos (tranças) ou pela forma de dançar. É nesse sentido que “[...] identidade vai, pois, sendo construída a partir da memória que emerge em determinados momentos, sempre lembrando que em cada emergência há a produção de um novo sentido, nunca o mesmo.” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 121)

Na quinta estrofe do poema o eu lírico há, de forma velada, um saudosismo referente à terra natal e a esperança de um dia voltar e revê-la, pois é lá que estão as raízes, como podemos conferir na quinta estrofe:

“Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro.” (COUTO, 1999, p. 13)

Para o eu lírico, o lugar em que ele habita faz-lhe sentir-se estranho. É a expressão de estar num lugar, mas sem sentir o sentimento de pertença a essa pátria, a esse chão.

“No mundo que combato
morro
no mundo por que luto
nasço.” (COUTO, 1999, p. 13)

Esta última estrofe faz uma referência ao mundo da desigualdade social. Há uma relação semântica antagônica entre os verbos combater e lutar, assim como, existem entre os verbos “morrer” e “nascer”, as quais são empregadas de maneiras simbólicas, entendidas como renascimento e reconstrução de uma consciência cuja formação da identidade se constrói no presente. Tal leitura é possível, uma vez que, os verbos no presente do indicativo e no gerúndio nos dão respaldo para esta interpretação. Logo, a palavra “combater” traz a ideia de enfrentamento a um determinado conflito, ao passo que “lutar” pode estar relacionado a ideias e ideologias, e “[...] é nessa rede interdiscursiva que se veem constituídas identidades.” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 128).

Por fim, na última parte da música do compositor paraibano, a construção dos versos por meio de anáforas (se eu quero / deixa) sinalizam para a alteridade no tocante à representação dessa subjetividade, reafirmada pela identidade, pois, na verdade, “[...] O que existem, na verdade, são práticas de subjetivação que produzem identidades, por isso a identidade é um processo que está em constante mutação.” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 121), conforme pode-se notar nos versos a seguir:

“Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa

Deixa, deixa a madeixa balançar.” (CÉSAR, 2002).

Analisando estes últimos versos, vale destacar que a insistência pela diferença expressada na letra da música de Chico César traz essa ideia de apego às raízes africanas, visto que “identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência” (SILVA, 2000, p. 74). Desse modo, “[...] as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade.” (SILVA, 2000, p. 75).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando tudo que foi exposto, pensamos que a categoria da identidade tanto na canção quanto no poema é bastante significativa e expressiva no tocante à afirmação da identidade. O resgate da memória histórica se apresenta em ambos os textos como formas memorialísticas do passado que remonta às origens e das lutas contra o racismo e preconceito.

O segundo ponto de fechamento da nossa análise está no olhar que tivemos ao comparar tais *corpora*, e perceber que existe um ponto crucial que as ligam bem como a pertinência para os estudos sobre identidade negra, tanto moçambicana quanto brasileira e o enriquecimento literário através das discussões, aqui, apresentadas. Por conseguinte, com o objetivo de identificar traços dos tipos de identidades em cada texto, buscamos discorrer sobre os aspectos que os caracterizam.

Na leitura de Stuart Hall aprendemos sobre as três concepções de identidade e como ela é construída na interação entre o eu e a sociedade, trazendo como centro a historicidade dos sujeitos e suas identidades. Tais reflexos estão presentes nos textos escolhidos, os quais trazem heterogeneidade e o multiculturalismo, mas também, uma manifestação coletiva de compartilhamento de ideias, valores, crenças e modos de pertencimento que aos poucos mostra uma ruptura na hegemonia de uma estética, social, cultural e política construída ao longo do tempo por uma classe dominante branca e burguesa.

Nas análises, é possível perceber uma diferença entre a canção de Chico César e o poema de Mia Couto no que tange à questão da identidade. Há, no poema, margem para pensarmos essa construção do eu lírico como um saudosista da sua pátria - um “eu” que está longe de sua terra, mas que não esquece sua origem, pois ela é sua identidade. Já, na letra da canção, a expressão da subjetividade do sujeito constitui-se como uma reafirmação da identidade, diante da violência e do silenciamento na voz dos afrodescendentes. Dessa forma, esta música de Chico se caracteriza como uma voz que brada na cultura brasileira não como imposição política, mas sim, de reconhecimento de um multiculturalismo que está entranhado no Brasil, e que foi neste chão que a heterogeneidade cultural se formou e é preciso respeitá-la, porque representa o sangue derramado e as lutas de um povo, suas

memórias e suas histórias.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. História e memória - uma relação na confluência entre tempo e espaço. In: **Revista Mouseion**. v. 3. n. 5. 2009, p. 35-67. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf. Acesso em: 30 jan. 2023.

CÉSAR, Chico. **Respeitem meus cabelos, brancos**. Disponível em: <https://armazemde texto.blogspot.com/2020/06/musica-respeitem-meus-cabelos-brancos.html>. Acesso em: 30 jan. 2023.

COUTO, Mia. Identidade. In.: **Raiz de orvalho e Outros Poemas**. Lisboa: Caminho, 1999.

FERNANDES, Cleudemar Alves; ALVES JUNIOR, José Antônio. Mutações da noção-conceito de sujeito na análise do discurso. In: SANTOS, João Bosco Cabral dos (Org.). **Sujeito e subjetividades: discursividades contemporâneas**. v. 6. Uberlândia: Edufu, 2009, p. 103-119.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Gua-cira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006, p 7-13.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 103 –133.

NAVARRO-BARBOSA, P. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 97-130.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000, cap. 1. p. 9-31.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 73-102.